

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: O LUGAR DAS CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E SOCIAIS APLICADAS¹

Luciano Raposo de Almeida Figueiredo (Instituto de História, UFF)

1. O país assistiu a uma avassaladora onda de popularização de História e de algumas das ciências humanas e sociais a partir do início do século XXI. Brotaram revistas vendidas em bancas de jornal, programas de TVs, colunas em grandes jornais, *bestsellers*, todos dedicados à História. Entre 2003 e 2013 a bolha cresceu, para encolher de maneira rápida e incontornável com a grande crise.

O que se pode perceber hoje a respeito daquele fenômeno do novo século é que ele parecia indicar que a divulgação científica das ciências sociais fazia então uma surpreendente corrida de recuperação em relação a história da divulgação das outras ciências do conhecimento. Como nunca havia acontecido, nossa difusão pública passou se equilibrar com a das ciências naturais. Nesse novo tempo, mesmo que de modo assimétrico, o conhecimento acadêmico das áreas de humanidades, com suas contribuições específicas - seja sobre o espaço e meio ambiente, a razão do homem, gênero e identidades étnicas, os processos históricos - passam a contribuir com as ferramentas das ciências exatas, como de hábito voltadas para desenvolvimento econômico e a afirmação da soberania nacional.

2. O exame de uma experiência que atingiu tamanha escala e foi sepultada sem choro nem vela deixa algumas lições.

O primeiro recorte de análise a considerar é a cultura acadêmica. O que mudou na cultura dos historiadores com relação à divulgação? Pouco. O reconhecimento pelo resultado dos trabalhos, a alegria pessoal com os artigos ilustrados e bem diagramados circulando por milhares de leitores não deve nos afastar da realidade: historiadores ainda tem pouco interesse em promover um deslocamento

¹ Versão resumida da conferência realizada na 70ª Reunião Anual da SBPC ("Ciência, Responsabilidade Social e Soberania"), em Maceió, no dia 24 de julho de 2018. Foi preservado o estilo original para leitura, razão pela qual inexistem notas de rodapé.

metodológico e investir na divulgação. Tal iniciativa ainda é um corpo estranho, a despeito das importantes políticas indutoras dos órgãos nacionais de fomento e financiamento da pesquisa, como faz o CNPq.

A pouca adesão sincera à divulgação científica para as ciências sociais depois de uma década frenética nesse campo deve acender o sinal de alerta. Os assuntos de discussão continuam os mesmos: a competição entre jornalistas que alcançam sucesso editorial com livros de história contrapostos aos historiadores profissionais; as fronteiras entre a área de ensino da história e a divulgação; a oposição entre o trabalho do historiador de ponta e a atividade de difundir conhecimento para o grande público; e algumas outras.

Se as experiências práticas de mediação foram intensas desde o início do século, a teorização sobre a divulgação mereceu poucos artigos e livros, ainda que alguns deles excelentes.

A consideração que o assunto ocupa na academia é pequena. É preciso construir um reconhecimento movido menos por entusiasmo e voluntarismo – combustíveis importantes - ou pelo reconhecimento do caráter público ou social das humanidades, atitude que Russen chamou com propriedade de “engajamento ponderado”. O tema exige mais: um debate que sustente um adequado estatuto teórico capaz de irrigar a cultura dos profissionais nas universidades e centros de pesquisa.

De alguma maneira, as ciências naturais e exatas com seu papel prático e destinadas a resultados observáveis, vistos como úteis em geral, forjou na cultura de seus pesquisadores uma afinidade entre produção e divulgação de conhecimento.

Em segundo lugar, sob o ponto de vista dos protocolos editoriais muito há ainda para amadurecer. Até onde a escrita com leveza, sem rodapés, o uso generoso de imagens, a confecção de títulos e *leads* a servirem de isca para os leitores não fragiliza o discurso histórico? Desse debate podem ser sistematizadas orientações e normas que atendam à ética e a responsabilidade científica sem dispensar os sortilégios do jornalismo tão necessários à comunicação com um novo público. A necessidade de manuais técnicos, como já existem em bom número para o jornalismo científico praticado com as ciências duras é inadiável, no meu modo de ver.

Proponho ainda mais uma interrogação em terceiro lugar: porque mediação científica em larga escala na área de humanidades não é tarefa para amadores? A comunicação pública exige o domínio de especialidades como marketing, design

gráfico, gestão de projetos, captação de recursos em áreas governamentais e privadas, princípios de direito especialmente relacionado a propriedade intelectual e direito de imagens, jornalismo (redação, editoria, briefing)...

Tudo isso se torna ainda mais complexo por que se passa em um campo no qual inexistente institucionalização e quase nenhuma agenda.

A experiência norte-americana oferece uma medida da escala que o desafio impõe, e ainda assim somente no campo da História. Nos Estados Unidos o engajamento dos historiadores profissionais em atividades de divulgação foi muito semelhante ao Brasil até algumas décadas atrás. A mudança decisiva ocorreu a partir dos esforços de instituições como *National Council for History Education* (Conselho Nacional para o Ensino de História) e programas como *U.S. Department of Education's Teaching American History* que induziram uma aproximação entre profissionais acadêmicos e professores das escolas de ensino médio e fundamental. Nos Estados Unidos foi ainda criado o *National Council on Public History* em seguida à criação do termo na década de 1970.

Algo semelhante no Brasil existe, vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação, o Departamento de Popularização e Difusão da Ciência que desempenha iniciativas das mais notáveis, em especial a Semana de Ciência e Tecnologia. Ali, e espalhados por universidades e centros de pesquisa, muitos projetos de geologia, física, astronomia, química continuam a crescer.

Por último é importante assinalar que não me parece haver melhor espaço que as universidades para desenvolver de forma coordenada reflexões e os suportes para as iniciativas práticas de divulgar conhecimento. É nas universidades que estão estudantes e professores das diversas áreas que a DC exige que atuem em trabalho cooperativo. Nos departamentos se encontra designers, jornalistas, especialistas em marketing, advogados, especialistas na área de Direito, videomakers, e muitos outros.

Para as ciências sociais os desafios ainda são enormes. Enfrentá-los, para multiplicar a divulgação de conhecimento, diante da situação global, não poderia ser tarefa mais urgente.